

HÁ SESSENTA ANOS – A PROGRAMAÇÃO DOS CINEMAS E A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES EM NOVO HAMBURGO

*SIXTY YEARS AGO - PROGRAMMING OF CINEMA AND THE CONSTRUCTION
OF IDENTITIES IN NOVO HAMBURGO*

Cláudia Gisele Masiero¹
Cristina Ennes da Silva²
Paula Regina Puhl³

RESUMO

Este estudo tem como tema a análise da programação das salas de cinema em Novo Hamburgo, publicadas no jornal da cidade “O 5 de abril”, em uma coluna chamada CINELANDIA, durante o ano de 1951. Considerando o cinema como prática social e a possibilidade de se perceber através de suas narrativas e significados como nossa cultura dá sentido à si própria (TURNER, 1997) e também entendendo a identidade como uma construção social (CUCHE, 2002), busca-se, através dos dados quantitativos e qualitativos obtidos por meio da análise de conteúdo da coluna, perceber a construção das identidades nesse contexto. A coluna tinha um considerável alcance, uma vez que foi publicada em todos os exemplares do periódico naquele ano e os dados obtidos com sua análise mostraram que ir ao cinema era uma prática comum e que os aspectos que se relacionam com esse fato, influenciavam a visão que os hamburguenses tinham de si e do mundo, consequentemente agiam na construção das identidades.

Palavras-chave: Cinema. Mídia Impressa. Identidades.

ABSTRACT

This study has covered the analysis of the programming of theaters in Novo Hamburgo, published in local newspaper "O 5 de April" in a column called CINELANDIA during the year 1951. Considering the cinema as a social practice and the ability to see through their narratives and meanings as our culture gives meaning to itself (TURNER, 1997) and also understanding the identity as a social construction (CUCHE, 2002), it seeks to, through quantitative and qualitative data obtained by analyzing the content of the column, see the construction of identities in this context. The column had a considerable achievement, since it was published on all copies of the newspaper that year and the data analysis showed that going to the movies was a common practice and that the issues that related to this fact

¹ Especialista em História Comunicação e Memória do Brasil Contemporâneo, integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Imagem e Identidade - Universidade FEEVALE/RS/BR. E-mail: claudiamasiero@ibest.com.br

² Professora Doutora no Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade FEEVALE/RS/BR. E-mail: paulapuhl@feevale.br

³ Professora Doutora no Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade FEEVALE/RS/BR. E-mail: crisennes@feevale.br

influenced the vision which the hamburguenses had about themselves and the world, thus they acted in the construction of identities.

Keywords: Cinema. Newspapers. Identities.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como tema a análise da programação das salas de cinema de Novo Hamburgo, publicadas semanalmente no jornal “O 5 de abril”, em uma coluna chamada CINELANDIA⁴, durante o ano de 1951. O principal objetivo que se tem com essa análise é perceber, através da programação dos cinemas publicada no periódico, a construção das identidades no município de Novo Hamburgo, RS. Também se busca fazer uma análise quantitativa do conteúdo dessas colunas, verificando o número total de filmes exibidos; Perceber que gênero foi mais exibido; Verificar a média de permanência em cartaz dos filmes e quanto tempo em média levava para chegar a Novo Hamburgo após terem sido lançados; Analisar de forma qualitativa comentários dos filmes que eram publicados junto da programação e as sinopses dos filmes cujos gêneros mais se repetiram; Refletir sobre o alcance e importância da própria coluna no contexto em estudo.

Sabendo da importância do Cinema como evento social no período em questão e seu grande alcance como meio de comunicação de massa, este pode ser considerado como uma prática social, segundo Turner (1997). Para o autor, é possível identificar evidências do modo como nossa cultura dá sentido a si próprio nas narrativas cinematográficas. Assim, através de suas linguagens e significados o cinema pode exercer influência sobre a construção e reafirmação das identidades de seu público. Acredita-se, então, ser possível e válido o tema proposto para estudo.

Estudo este, que se iniciou com uma pesquisa documental na Biblioteca da Universidade Feevale, que abriga acervos do jornal “O 5 de abril”. O material encontrado nas edições de 1951, ou seja, a coluna CINELANDIA, foi fotografada em formato digital, dando condição para uma posterior análise. Como o jornal era semanal, publicado sempre as sextas-feiras, o seu conteúdo se referia aos filmes e as suas sessões e as peças de teatro que ocorreriam nos três cineteatros da cidade até a próxima edição, ou seja, de sexta à quinta-feira. Os três cineteatros existentes eram: Carlos Gomes, Aída e Guarani, este último

⁴ O nome da coluna era escrito dessa forma no jornal, com letras maiúsculas e sem acento.

funcionou somente até fevereiro, pois foi demolido para a construção de um novo e mais moderno, fato que foi noticiado pelo jornal. Como a coluna esteve presente em todos os exemplares do jornal, o *corpus* documental compreende então cinquenta e uma colunas. Para apresentá-lo e analisá-lo foi empregada à análise de conteúdo. Segundo Bardin, o termo “análise de conteúdo” designa:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (2004, p. 42).

Moraes (1999) descreve a análise de conteúdo como uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados, num nível que vai além de uma leitura comum, pois:

A análise de conteúdo fornece informações suplementares ao leitor crítico de uma mensagem, seja este linguista, psicólogo, sociólogo, crítico literário, historiador, exegeta religioso ou leitor profano desejando distanciar-se de sua leitura “aderente”, para saber mais sobre esse texto (BARDIN, 2004, p. 133).

Não é simplesmente uma técnica de análise de dados. Representa uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias, pois “uma boa análise de conteúdo não deve limitar-se à descrição. É importante que procure ir além, atingir compreensão mais aprofundada do conteúdo das mensagens mediante inferência e interpretação” (MORAES, 1999, p. 24).

Fazendo uso dessa metodologia foi feito um levantamento de todos os filmes exibidos durante o ano de 1951 e o tempo que cada um ficou em cartaz, organizando os dados trazidos pela coluna. Posteriormente se fez uma busca em sites da internet como o IMDB⁵ e Adoro Cinema⁶ para encontrar o ano de lançamento e o gênero dos filmes que permaneceram ao menos duas semanas em cartaz. Escolheram-se esses filmes porque como ficaram por mais tempo em cartaz possivelmente eram os filmes de maior repercussão. Também nesses sites se pesquisou a sinopse dos filmes pertencentes aos dois gêneros que mais se repetiram a fim de se fazer uma posterior análise.

⁵ Site: www.imdb.com

⁶ Site: www.adorocinema.com

Após a organização dos dados quantitativos foi feita uma análise qualitativa da coluna CINELANDIA, considerando comentários que por vezes acompanhavam os filmes e também das sinopses dos filmes, pertencentes ao grupo anteriormente referido. Também com base nessas informações e na bibliografia consultada se pode verificar através da programação dos cinemas a elementos da construção das identidades dos hamburguenses.

1. O CINEMA EM NOVO HAMBURGO E A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES

Um mês após Novo Hamburgo se tornar município, era antes distrito de São Leopoldo, o primeiro exemplar do jornal “O 5 de abril” foi publicado, o nome do periódico é uma homenagem a data de emancipação desse município⁷. Segundo Behrend (2002), o jornal foi criando um vínculo e uma identidade junto aos hamburguenses. O autor, como bisneto do fundador do periódico, ainda declara que:

A função social ressalte-se, era a contribuição mais valiosa do semanário. Em um mês de existência, seções como a coluna “Diversões”, com a programação dos Cinemas Guarany, Carlos Gomes e Central, acontecimentos sociais, batizados, aniversários e eventos nas “Notas Sociais”, “Secção Forense” e “Notícias de Hamburgo Velho”, ficaram abarrotadas de informações e se tornaram espaços fixos (BEHREND, 2002, p. 47).

Considerando a citação acima e outros estudos que utilizaram tal jornal como fonte, como é o caso do estudo de Puhl & Silva (2011)⁸, é possível perceber que o tema Cinema sempre esteve presente entre suas publicações. As autoras salientam ainda, no mesmo estudo, que o cinema antes da televisão foi uma das mídias de maior alcance das massas, por isso a sua influência na construção da cultura. Pode-se dizer também que influencia a construção das identidades porque “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar entre várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade (WOODWARD, 2009, p. 18). A coluna CINELANDIA é mais um exemplo da presença do tema cinema nas publicações de “O 5 de abril”, pois foi publicada em todos os exemplares do

⁷ “O 5 de abril” foi publicado entre os anos de 1927 e 1962.

⁸ O estudo de Puhl e Silva (2011), intitulado “O que vai pelos cinemas: a crítica cinematográfica e a construção das identidades”, apresenta e analisa a relação entre a crítica de cinema publicada em “O 5 de abril” (1945-1950) e a construção das identidades na cidade Novo Hamburgo.

jornal no ano de 1951. Este dado também supõe o alcance e a importância dela para os leitores do periódico, uma vez que foi mantida sua regularidade. A coluna era possivelmente um guia para a escolha dos filmes e sessões que iriam assistir.

Num primeiro momento, através dela se podem obter dados sobre as questões que se relacionam ao cinema e ao ato de ir ao cinema, no Novo Hamburgo de 1951. Num segundo momento, através desses dados pode-se então perceber também, alguns gostos e hábitos dos hamburguenses. Dessa forma é possível observar a construção das identidades nesse período e contexto, levando em consideração que a identidade não nasce com o sujeito, ou seja, não lhe é inerente, mas sim, que é construída através das relações sociais, podendo sofrer a interferência das relações de poder e de interesses de alguns grupos. E, ainda, considerando que:

Se a identidade é uma construção social e não um dado, se ela é do âmbito da representação, isso não significa que ela seja uma ilusão, que dependeria da subjetividade dos agentes sociais. A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais (CUCHE, 2002, p. 182).

Como a identidade é uma construção social e se faz no interior de contextos sociais, é preciso voltar-se para a história de Novo Hamburgo para entender sua configuração no início dos anos de 1950. O município pertence a uma região que foi colonizada por imigrantes alemães, em um processo que se iniciou em 1824, quando os primeiros colonos chegaram a Real Fitoria do Linho Cânhamo, hoje São Leopoldo. Segundo Scheneider (1996)⁹, a base da economia dessa região foi a agricultura familiar, complementada pelo artesanato rural e por um vigoroso comércio para escoamento da produção, que se direcionava a Porto Alegre e de onde vinham os produtos manufaturados. Porém, ainda segundo o autor, este modo de vida, paulatinamente é desarticulado por um duplo processo de transformação estrutural da economia do Rio Grande do Sul. De um lado as mudanças ocorridas na agricultura familiar, e, de outro, o processo de industrialização do setor coureiro-calçadista. Entre 1930 e 1970, durante o que ele caracteriza como segunda fase do processo de industrialização do setor coureiro calçadista¹⁰, quando cresce o número de estabelecimentos de calçados no RS e

⁹ Scheneider (1996) analisa as transformações sociais, econômicas e culturais que apareceram nas micro-regiões do Vale dos Sinos, Encosta da Serra, Vale do Caí e Vale do Taquari a partir da década de 1970, e, também retrata a sua história, anterior a esse período.

¹⁰ Scheneider (1996, p. 10-11), divide o processo de industrialização do setor coureiro-calçadista em três fases distintas. A primeira que vai 1890 a 1930, período em que o artesanato do couro-calçado, apesar de pulverizado

aumenta a ocupação de pessoal em cada unidade, “a Região do Vale dos Sinos, especialmente a cidade de Novo Hamburgo, passa a ser o principal pólo produtor de calçados do Rio Grande do Sul” (SCHENEIDER, 1996, p. 10). Sabe-se que o município, embora mantivesse sua produção agrícola,

tinha, em 1944, uma superfície de 263 km² e uma população de 20.226 habitantes. Segundo a estatística comercial de 1942, o município contava com 144 casas comerciais e 274 indústrias que se dedicavam a indústria da alimentação (café, carnes, bebidas, farinha de mandioca, trigo e milho, pão, biscoitos e doces, vinagres), de borracha e de couro (calçados e artefatos de couro em geral, produtos de curtume), da cerâmica e calcária (ladrilhos e artefatos de cimento, mármore, granito, pedra grês, produtos cerâmicos) de construção, de eletricidade (...), de metalurgia (...), de óleos e gorduras vegetais, de produtos químicos, de têxteis (...), de vestuário (...), acácia negra, artefatos de fumo, de papelão, cerdas preparadas, instrumentos musicais, tipografias, indústrias de madeira e vime (PETRY, 1944, p. 119-121 apud DREHER, 1999, p. 51).

Assim, há sessenta anos, período que se toma para estudo, Novo Hamburgo estava, então, consolidando-se como pólo industrial, num processo que lhe atribui não somente suas características econômicas, mas também culturais e identitárias. Segundo Scheneider (1996), a sociedade colonial formada pelos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul manteve seu modo de vida relativamente fechado durante mais de um século, somente vindo a se desarticular em áreas como Novo Hamburgo a partir de meados de 1950. E, assim, esse autor caracteriza a industrialização:

Como um processo social que, além de demonstrar sua superioridade econômica sobre as demais formas de trabalho afeta, significativamente, uma série de valores e instituições alheias à produção e ao mercado como a tradição, a disciplina, os costumes e a etnia; enfim, o modo de vida vigente (SCHENEIDER, 1996, p. 8).

É sabido que as comunidades formadas por descendentes de imigrantes alemães preservam suas tradições e valores e consolidem sua identidade baseada nesse pressuposto. Mas é perceptível também que as novas relações de produção e o crescimento dessas cidades tornaram esses traços menos abrangentes, por exemplo, esses traços não pertenciam aos migrantes que, aos poucos, vinham de outras regiões em busca de trabalho, muitos deles de outras etnias. Contudo, não os tornaram menos fortes, porque esses podem ainda ser vistos como elementos da identidade dessas sociedades, inclusive atribuindo seus elementos ao

e praticado em pequenos ofícios rurais, consegue se autonomizar em relação às demais formas de artesanato rural. A segunda fase vai de 1930 a 1970 e representa um período de rápido crescimento das atividades ligadas ao artesanato do couro-calçados. E a terceira, após 1970, quando o setor assume feições verdadeiramente industriais.

próprio processo de industrialização, cujo discurso é que a organização, trabalho e ordem dos descendentes de alemães foram fundamentais para sua implantação e sucesso. A partir disso fica claro que “a identidade é então o que está em jogo nas lutas sociais. Nem todos os grupos têm o mesmo “poder de identificação”, pois esse poder depende da posição que se ocupa...” (CUCHE, 2002, p.186).

Para Chartier (2002), as representações atuam no processo de construção de identidades. O conceito de representação, segundo o autor, está ligado ao entendimento do modo como, em diferentes momentos históricos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Trata-se de entender os processos pelos quais se constrói um sentido. É desse modo que se busca entender os mecanismos pelos quais se dá a construção das identidades na história de Novo Hamburgo, considerando o período estudado.

Pode-se dizer, então, que o cinema possivelmente contribuiu para a construção desse ambiente urbano e conseqüentemente influenciou também a construção das identidades. A coluna, seu alcance, sua regularidade também podem ter ajudado na construção de uma sociedade que se tornava, assim, mais urbana e mais aberta.

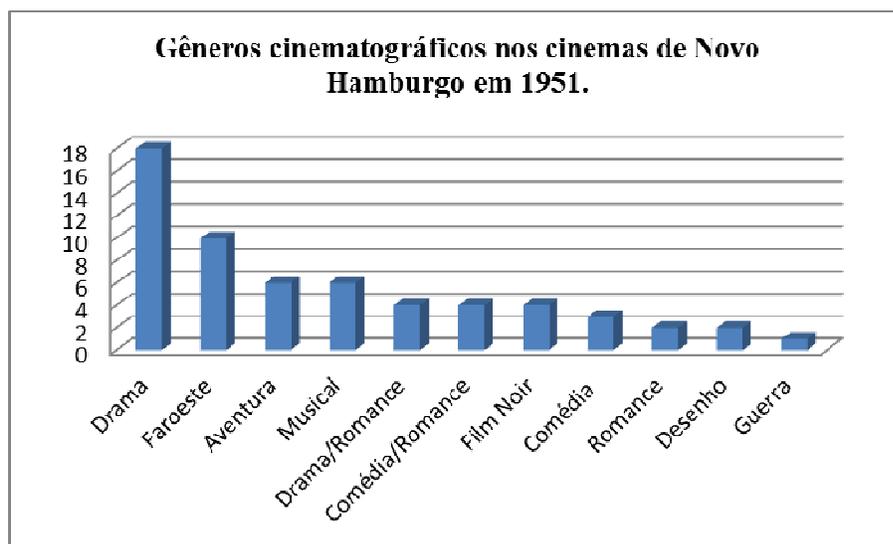
Em alguns momentos o cinema possibilitou o conhecimento e o contato com outras realidades, principalmente pelo fato de poder visualizá-las, já que através do rádio, outro importante meio de comunicação de massa da época, isso não era possível. Ao se ter contato com o diferente, se tem uma noção mais elaborada da realidade na qual se vive. Sabe-se que a identidade é também construída pela diferença, ou seja, conforme Woodward (2009), as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença, mas explica que a identidade não é o oposto da diferença, mas que uma depende da outra. Pode-se complementar esse pensamento com a afirmação de Cuhe (2002, p. 183), que diz que “não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si, a identidade existe sempre em relação a uma outra”. Em outros momentos o cinema possibilitou identificação, ou seja, “a identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente” (CUCHE, 2002, p. 177). É o que se caracteriza como sentimento de pertença. Assim a identidade é construída tanto por meio da alteridade quanto por meio do sentimento de pertencimento. A fim de se desenvolver melhor essas ideias, tomamos como suporte as informações obtidas através da análise de conteúdo da coluna CINELANDIA.

No ano de 1951, então, foram exibidos aproximadamente trezentas e oitenta produções entre filmes e seriados e que os cineteatros funcionavam de terça a domingo. É preciso considerar que o número de sessões foi ainda maior que o número de filmes, uma vez que acontecia de um mesmo filme ser exibido ao mesmo tempo em mais de um cinema e ou

de permanecer mais de uma semana em cartaz. Considerando que Novo Hamburgo era ainda um pequeno município, o número de filmes exibidos se torna considerável e é mais uma prova de que ir ao cinema era uma prática comum, um hábito de seus moradores.

Sabe-se, através da análise das colunas, que 74% dos filmes exibidos permaneceu apenas uma semana em cartaz, ou seja, seu nome constava em apenas uma coluna CINELANDIA. Cerca de 35% foram citados em duas colunas, ou seja, permaneceram por duas semanas em cartaz e apenas 1% permaneceu por mais tempo, porém nunca por mais de um mês¹¹.

Para obter mais informações sobre as características dos filmes, recorreu-se a sites sobre cinema, como já se disse, e, também, pode-se contar com dados publicados na própria coluna. Pesquisou-se, então, para qual gênero cinematográfico pertenciam os filmes que permaneceram duas ou mais semanas em cartaz. Estes filmes agrupados totalizam cento e quarenta, 34%, porém apenas se conseguiu obter informações de cinquenta e nove filmes. O gráfico que se segue traz o resultado dessa pesquisa:



Os filmes exibidos pertenciam a onze gêneros diferentes. Vale lembrar que, “de um modo geral a função do gênero é fazer filmes compreensíveis e mais ou menos familiares” (TURNER, 1997, p. 88). O gênero que mais se repetiu foi o Drama, seguido do Faroeste. Também se destacam os filmes de Film Noir e os musicais, famosos na época.

¹¹ Exclui-se dessa análise os seriados, que por sua vez se estendem por várias semanas devido ao seu propósito de criação.

Conforme citado no *Dicionário Teórico e Crítico de Cinema* (2003), dos autores Jacques Aumont e Marie Michel, no cinema a palavra drama serve para qualificar nos primeiros catálogos os temas não cômicos e não documentários, ele designa uma ação no mais das vezes violenta ou patética no qual se enfrentam personagens históricas inscritas em um espaço crível. Pode-se dizer que o Drama é o maior gênero de cinema porque inclui uma grande amplitude de filmes como: crime, melodramas, épicos. Geralmente retratam histórias nas quais os personagens estão em conflito consigo mesmos, com os outros ou com elementos naturais. Esses filmes podem mostrar o ser humano no seu melhor ou no seu pior. Ao se analisar as sinopses dos filmes pertencentes ao gênero Drama, exibidos em Novo Hamburgo em 1951, facilmente se identificam essas características. Pode-se citar o exemplo do filme *Belinda* (1948), que retrata a luta de um médico para ajudar uma mulher surda-muda, mostrando um ato de grande bondade. E, o exemplo de *Damas de Espadas* (1949), cuja história fala de uma condessa que vende a sua alma ao diabo em troca de ter grande habilidade com jogo de cartas, que é seu vício, mostrando assim, o pior lado do ser humano. Esse gênero também costuma retratar temas atuais, dessa forma, alguns desses filmes têm como pano de fundo a guerra, questão ainda presente por volta da metade do século passado, como: *Ilusão Perdida* (1950), *Quatro destinos* (1949) e *Na noite do passado* (1942).

Pode-se constatar, também, que a maioria das histórias contemplam as relações familiares, ou seja, as personagens principais são da mesma família e a narrativa gira em seu entorno. Os dramas retratados nessas histórias em muitos casos mostravam mulheres como protagonistas ou ao menos representando um dos papéis principais. São, em sua maioria, mulheres frágeis, que sofriam muito, ou por opressão do marido, ou eram chantageadas por alguém do sexo oposto. Tais enredos refletiam a organização social da época, quando as pessoas ainda estavam mais voltadas para as relações familiares e quando a estrutura da sociedade patriarcal pesava ainda muito às mulheres. Sobretudo em Novo Hamburgo, que até aquele momento, como se viu, mantinha um modo de vida relativamente fechado. Tal identificação se deve porque, não somente nos identificamos com nossos heróis e heroínas, mas com todas as personagens em vários pontos da narrativa. Esta é uma consequência de ver a tela como se fosse, em alguns aspectos, um espelho de nós mesmos e de nosso mundo (TURNER, 1997, p. 115).

Já os filmes de Faroeste, segundo gênero mais exibido, mantêm certas características em comum, como o ambiente e o figuro. Vugman (2006), ao falar desse gênero, *Western* e de sua trajetória no cinema mundial, destaca que este é considerado como o gênero cinematográfico norte-americano por excelência e que incorpora, em certa medida, os

elementos míticos fabricados por essa sociedade, fortemente representativos de valores puritanos dos primeiros colonizadores. O autor ainda enfatiza que quando se olha de uma forma geral o gênero, se verá que ele retrata um mundo em que as forças da civilização travam uma batalha sem fim contra a natureza e também uma luta simbólica entre o bem e o mal, a aliança dos heróis com a igreja e a dos vilões com o *saloon*. Os filmes de Faroeste do chamado pós-guerra, que eram os filmes que estavam em cartaz nos cinemas de Novo Hamburgo em 1951, ainda conservam tais características, porém, segundo Vugman (2006), o herói está mais próximo do cidadão comum, em parte pela saturação da forma clássica, mas também pela mudança na sociedade, em um ambiente constrangido pela guerra.

Mesmo com muitas diferenças e um contexto completamente distinto, pode-se dizer que a essência dos filmes do gênero de faroeste, também se faz presente no pensamento da sociedade hamburguense e talvez isso justifique o porquê do gênero ser o segundo mais exibido. Os princípios dos colonizadores, por exemplo, também continuavam a ser cultivados na época pelos descendentes de imigrantes. A forte ligação com a Igreja e a preocupação com valores morais eram pertinentes. Ou seja, a necessidade de vencer em uma nova terra, as dificuldades encontradas, a conservação de princípios, não somente porque assim o fizeram seus antepassados imigrantes, mas assim estavam muitos deles fazendo, trocando o campo pela cidade para trabalhar nas indústrias.

Centrando-se ainda mais na análise da própria coluna, percebe-se que sua proposta era primeiramente apresentar a programação dos cineteatros existentes na cidade, assim, bem no alto aparecia o nome da coluna, depois o nome do cinema, dias da semana, horários das sessões e o nome dos filmes, como é possível ver na figura 1. Porém, algumas vezes, os filmes eram acompanhados de comentários, que sempre eram favoráveis a eles. Esse favorecimento pode estar relacionado a própria configuração da coluna, porque o comentário se juntava à informação de onde e quando filme iria passar. Era, então, mais um incentivo aos leitores para que o assistissem, do que uma breve crítica, mas é preciso que se olhe com mais atenção para esses comentários, uma vez que, “o público escolhe os filmes pelas representações na imprensa e na televisão e nas conversas e outros contratos sociais” (TURNER, 1997, p. 102). Como ainda não havia televisão, a coluna e seus comentários podem ser considerados como um elemento determinante na escolha dos filmes pelos hamburguenses era um elo entre os espectadores e os filmes. Segundo Woodward (2009), o gosto é definido pelas formas pelas quais os indivíduos se apropriam de escolhas e preferências que são o produto de restrições materiais e daquilo que ele chama de *habitus*.

CINELANDIA

CARLOS GOMES

Hoje — Final do seriado «OS BANDOZEIROS DO VALE DO FOGO» duplo com «DE PRONTIDÃO».

Sábado às 19 e 21 horas — Humphrey Bogart, Barbara Stanwick e Alexis Smith em «INSPIRAÇÃO TRÁGICA».

Domingo em MATINAL, às 10 horas — Sabá em «O LADRÃO DE BAGDAD», em Tecnicolor.

Domingo em Matinê — O mais lindo filme do mês «QUATRO DESTINOS» duplo com «MORREREI ONDE NASCI».

Domingo às 19 e 21 horas — Joan Crawford e Van Heflin em «FOGUEIRA DE PAIXÃO».

2.ª feira — Estreia da Cia. de Revistas DERCY GONÇALVES

3.ª feira — 2 sessões 19 e 21 horas «O LADRÃO DE BAGDAD» Única exibição.

4.ª feira — (2 sessões às 19 e 21 horas) «BELINDA».

AIDA CINE-TEATRO

Hoje — Gilbert Roland, em «CONQUISTA ALPINA», duplo com «MORREREI ONDE NASCI», com James Craig.

Sábado — Joan Crawford e Van Heflin em «FOGUEIRA DE PAIXÃO».

Domingo em Matinê — «CONQUISTA ALPINA» com Gilbert Roland e o final do seriado OS BANDOZEIROS DO VALE DO FOGO.

Domingo à noite — Humphrey Bogart, Barbara Stanwick e Alexis Smith em «INSPIRAÇÃO TRÁGICA».

3.ª feira — «BELINDA»

4.ª feira — «O LADRÃO DE BAGDAD» — Única exibição

5.ª feira — Greer Garson e Ronald Colman, em «NA NOITE DO PASSADO».

Figura 1 - Coluna CINELANDIA - "O 5 de abril"

Alguns termos usados como: “O sensacional duplo...”, “Domingo à noite o grande filme alemão...”, “Apresentação do super filme...”, “Maravilhoso tecnicolor...”, “Espetacular programa duplo...”, “O filme que é sinônimo de perfeição...”, são claros exemplos desse discurso favorável do periódico em relação aos filmes, possivelmente capazes de definir as escolhas dos espectadores. Ainda se pode citar outros exemplos como: “Belita e Barry Sullivan no grande filme <O GANGSTER>”, “Maria Feliz e Antonio de Córdova no soberbo filme mexicano <DEUSA AJOELHADA>”, “O melhor filme deste mês com Edward G. Robinson e Susan Hayward, <SANGUE DO MEU SANGUE>”, “Bob Hope na fábrica de gargalhadas <MONSIEUR BEAUCAIRE>”, “O filme que acaba de conquistar 4 OSCARS da academia de Hollywood <TARDE DEMAIS>, com Olivia de Havilland e Montgomery Clift” e “Um filme brasileiro elogiado em Paris, Canes, Roma e Zurique, <SERTÃO, Índios do Brasil Central>”.

Em muitos casos, o nome dos atores principais dos filmes também era mencionado na programação dos cineteatros, “é comum afirmar que os astros e as estrelas do cinema estão incluídos na escolha do filme feita pelo espectador (TURNER, 1997, p. 104)”. Além de indicar que os hamburguenses escolhiam o filme que iriam assistir com base nos artistas que o estreavam, caso contrário não seriam publicados os seus nomes, esse dado indica também que possivelmente observavam o universo que cercava essas estrelas. Isto é, observavam o modo de vestir e se portar dessas pessoas, incorporando-os na sua vivência ao seu modo e condições, moldando as questões de identidade¹².

Os filmes exibidos já haviam sido lançados a dois ou três anos, em média, quando eram exibidos na cidade, mas alguns deles já tinham mais de uma década, como é o caso, por exemplo, dos filmes “Vive-se uma só vez” (1937), “Frente a frente” (1936) e “Sob duas bandeiras” (1937). A grande maioria dos filmes que estiveram em cartaz em Novo Hamburgo, em 1951, era de origem estrangeira, principalmente americana, poucos eram os filmes nacionais.

Dessa forma, se vê claramente a abertura dos hamburguenses a um modo de vida cada vez mais urbano e industrial, mas ao mesmo tempo a manutenção de sua identidade ligada aos valores dos imigrantes. Tanto que a face que se estava atribuindo, se impondo, ao povo brasileiro, no mesmo período, não obteve espaço no contexto em estudo. Segundo Napolitano (2001, p. 16).

Nas vertentes mais populares do rádio, do cinema, da música dos anos 1950, configurou-se determinada face coletiva do povo brasileiro, síntese de práticas, valores sociais e representações simbólicas e, muitas vezes, puramente ideológicas. Alguns elementos dessa síntese são perfeitamente identificáveis naquela produção cultural: malícia ingênua, senso de humor natural, esperteza e dignidade diante dos desafios éticos da vida, solidariedade espontânea com os mais fracos, romantismo, mistura de crítica sutil e conformismo diante da ordem social.

Esta construção resultará na figura do malandro e na ideia “do jeitinho brasileiro”. Como já se sabe essa não é a representação que se tem da identidade hamburguesa, pautada no trabalho e nos valores morais, não na malícia e esperteza. Mais uma vez se pode destacar o papel da “diferença” na construção das identidades, nesse caso levando ao sentimento de negação de determinadas falas, como por exemplo, o conformismo, em detrimento a

¹² No estudo “Memórias juvenis: a influência do cinema no cotidiano dos jovens nos anos 60”, as autoras Puhl & Silva (2009) revelam que nos anos 60 o cinema esteve muito presente em Novo Hamburgo. Trazem depoimentos, que ajudam a perceber tal envolvimento. Em um desses depoimentos citados pelas autoras percebe-se a influência do cinema no cotidiano da sociedade hamburguesa, inclusive na forma de vestir, quando umas das senhoras entrevistadas relata que Brigitte Bardot influenciou bastante e que todo mundo usou um vestidinho xadrezinho como o que ela certo dia havia aparecido.

identificação com o espírito de trabalho. Não se quer com essa ideia atribuir nenhum juízo de valor, apenas verificar o processo de construção das identidades. Puhl (2009), explica que desde a primeira construção de uma identidade do hamburguês, quando se pensou na sua separação em relação a São Leopoldo, a valorização do trabalho e do progresso foram reconhecidos como valores hamburguenses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema foi uma das principais formas de divertimento em Novo Hamburgo durante 1951. Mais que isso era um acontecimento social, “as salas de cinema eram, então, lugares para ver e ser visto” (PUHL & SILVA, 2009, p. 96). Fazia parte do cotidiano dessa população e era possivelmente uma das mais importantes referências que os hamburguenses tinham de outras realidades, de moda e de comportamento. Através da coluna CINELANDIA, analisada neste estudo, pode-se obter vários dados que sustentam essas afirmações, uma vez que se fez presente em todos os exemplares do jornal local “O 5 de abril”, demonstrando com essa regularidade que era uma referência aos hamburguenses leitores do periódico, supondo seu considerável alcance. E, também, demonstrando também o seu interesse pelo ato de ir ao cinema.

O fato de terem sido exibidos aproximadamente trezentas e oitenta produções diferentes, de onze gêneros distintos, informações obtidas após a análise de conteúdo da coluna em questão, ajudam ainda a perceber a importância que o ato de ir ao cinema tinha no contexto estudado. Novo Hamburgo estava em 1951, em meio a um processo de industrialização, que viria a lhe render o título de principal pólo produtor de calçados do estado do Rio Grande do Sul. O cinema e a coluna possivelmente contribuíram para a construção de uma sociedade mais urbana e mais aberta, visto que até então, ainda se encontrava fechada. A própria coluna também se valia de falas que motivavam seus leitores a frequentarem os cinemas, citando os atores que estrelavam os filmes, fazendo comentários positivos em relação aos filmes que seriam exibidos, por exemplo.

Por meio da coluna e conseqüentemente dos filmes exibidos, vê-se que a identidade dos hamburguenses que sempre esteve pautada na valorização do trabalho, progresso e valores morais, herança atribuída aos antepassados imigrantes alemães, não foi desconstruída pelo que era visto nas salas de cinema, muito antes, como se viu, foram reforçadas. A

identidade do brasileiro, que se fazia imposta na época, propagada inclusive através de filmes, era impregnada de malícia e esperteza e não influenciou a identidade hamburguesa.

Como se sabe, as identidades são construídas no interior dos contextos sociais. E, o que se pode constatar através da coluna CINELANDIA, foi que o cinema, como prática social, participou da construção das identidades em Novo Hamburgo de 1951, sabendo que esse processo não se inicia e não se encerra naquele ano, mas é possível tomá-lo como amostragem. Ficou claro o interesse dos hamburgueses pelo cinema e pelo que o cerca, tornando-se este, não somente parte do cotidiano, mas sendo capaz de influenciar novas formas de pensar, vestir, agir e se relacionar.

REFERÊNCIAS

- AMOUNT, J.; MICHEL, M. **Dicionário Teórico e Crítico de Cinema**. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2004.
- BEHREND, M. H. **O 5 de abril**. Porto Alegre, RS: Metrópole Ind. Gráfica, 2002.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 2002.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- MORAES, R. **Análise de Conteúdo**. PUCRS/Curso de Pós-Graduação. Porto Alegre, RS: Faculdade de Educação, 1999, p. 5-31.
- NAPOLITANO, M. **Cultura brasileira: utopia e massificação (1950 - 1980)**. São Paulo: Contexto, 2001.
- PETRY, L, In. DREHER, M. N. **O desenvolvimento econômico do Vale dos Sinos**. Estudos Leopoldenses, Série História, v. 3, n. 2, 1999.
- PUHL, P. R. **Uma benção apostólica? Cinema e religião na construção das identidades em Novo Hamburgo**. Estudos de Religião, v.3, n. 37, 34-52, jul./dez. 2009.
- PUHL, P. R.; SILVA, C. E. **Memórias juvenis: a influência do cinema no cotidiano dos jovens nos anos 60**. Porto Alegre, RS: FAMECOS, 2009.
- _____. **O que vai pelos cinemas: a crítica cinematográfica e a construção das identidades**. v. 18, n. 1, p. 41-54. Porto Alegre, RS: FAMECOS, 2011.
- SCHNEIDER, S. Os Colonos da Indústria Calçadista: Expansão Industrial e as Transformações da Agricultura Familiar no Rio Grande do Sul. **Revista Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 298-323, 1996.
- SILVA, T. T. D. (org). **Identidade e Diferença. As perspectivas dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- TURNER, G. **O cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.
- VUGMAN, F. S. W. In. MASCARELLO, F. **História do Cinema Mundial**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.
- WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In. SILVA, T. T. d. (org). **Identidade e diferença. As perspectivas dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- O 5 DE ABRIL. Acervo Biblioteca Universidade Feevale. Novo Hamburgo, RS, jan./dez. de 1951.